

O Silêncio da Dort: uma análise do Trabalho dos Faqueiros de Carnes de Barretos

Alcides Pontes Remijo

INTRODUÇÃO:

A atual conjuntura da sociedade capitalista decorre de mudanças significativas consolidadas no mundo do trabalho entre o fim dos anos sessenta e início dos anos setenta, quando, face à crise internacional do petróleo que se instaurou à época, substituiu-se o modelo de acumulação baseado na produção *taylorista/fordista*, sob a égide do Estado de *Bem Estar Social*, pelo de acumulação flexível ou *toyotista*, coincidindo com o processo de afirmação das *políticas neoliberais*. Essa nova organização do capitalismo mundial, fruto da *terceira revolução industrial*, trouxe a possibilidade de um maior controle sobre o trabalho vivo, aquele exercido pelos trabalhadores, tendo como resultado o aumento da produção industrial, agrária e de serviços. Esses novos índices de produtividade acarretaram para as classes trabalhadoras novas situações condições de trabalho, que ocasionaram um aumento demasiado da incidência de doenças relacionadas à atividade laborativa, como o *stress*, a LER e o DORT. Tais mudanças afetaram tanto a objetividade da classe trabalhadora, seu modo de trabalhar e de se empregar, quanto a sua subjetividade, como o trabalhador refletir a produção e sua organização como classe trabalhadora.

Ocorre uma tendência inexorável de uma *economia perdulária*, que promove uma obsolescência programada, de todos os produtos feitos pelo *trabalho humano*, nossa hipótese tenta comprovar que inclusive a força de trabalho em que se insere como trabalho vivo, ocorre esta tendência, trago como ressalva que apenas uma tendência. A afirmação de tal hipótese deverá se constatar devido uma intensa pesquisa que nossa intenção de iniciar com a experiência dos estudos da saúde dos trabalhadores nos frigoríficos, a principio os desossadores.

Dentro desse cenário, verifica-se que os frigoríficos brasileiros estão conquistando o mercado mundial de produção e distribuição de produtos alimentícios industrializados – tanto na área de enlatados, como na de *in natura*. Devido à forma de organização produtiva nesse campo industrial, não há condições de se realizar automação ou terceirização do trabalho, refiro ao uma descentralização da produção, havendo uma possibilidade de terceirização por consorcio modular. A alternativa encontrada para o aumento do índice de produtividade, e, por conseguinte de lucros exorbitantes, sustenta-se principalmente no recrudescimento da exploração do trabalho vivo, realizado pelo trabalhador. A pesquisa almeja captar a atual

situação dos faqueiros ou desossadores dos frigoríficos do Município de Barretos, observando as particularidades do processo produtivo e seus rebatimentos na vida desses trabalhadores.

1.1) Intensificação do Trabalho e Doenças Ocupacionais

Aqui demonstraremos que o aumento da produção no capitalismo contemporâneo a produtividade não se deve somente, mesmo que hoje é grande ferramenta, a ampliação do trabalho morto, cujo é o trabalho realizado pela maquinaria. A revolução industrial que temos como característica a informática, robótica, microeletrônica, a mecanização da agricultura, representa o novo patamar técnico científico. Mas a intensificação da exploração do trabalho vivo, aquele que é feito pela intervenção do próprio trabalhador podendo ser manual e intelectual (Ohno), tem trazido as empresas muita lucratividade, pois o próprio criador do modelo toyotista os seus criadores afirmam que dominar a classe trabalhadora e que quaisquer investimentos em automação ou robotização. A importância do trabalho vivo no toyotismo tem é percebido pelas inovações organizacionais e o envolvimento que a empresa busca a colaboração dos trabalhadores aos seus planos. A respeito desta grande importância do trabalho vivo daremos um exemplo que ocorreu na Genal Motor nos EUA;

Varias experiências, das quais o projeto Saturno da General Motors é exemplar, fracassaram quando procuraram automatizar o processo produtivo minimizando e desconsiderando o trabalho. As máquinas inteligentes não podem substituir os trabalhadores. Ao contrário, a sua introdução utiliza-se do trabalho intelectual do operário, que ao interagir com a máquina informatizada acaba também por transferir parte dos seus conhecimentos dos seus novos atributos intelectuais e cognitivos a nova máquina que resulta desse processo. Estabelece-se, então, um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que leva (e não pode levar) à extinção do trabalho vivo e de sua potência constante sob o sistema de metabólico social do capital. Esse processo de retro-alimentação impõe ao capital a necessidade de encontrar uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico (ANTUNES, 2206 123/124).

Antunes fala neste “envolvimento adequado à força de trabalho” é que iremos salientar agora. O toyotismo com sua manipulação capturou a subjetividade da classe operária, ou seja, todo o saber do trabalhador tem estar ao dispor da empresa, prevendo imprevistos na produção, resolvendo os problemas de produção, busca sempre a economia de matérias (devido a PLR), busca de obter melhores índices de produção etc. Como já ratificamos o trabalho em equipe os team work, cada trabalhador busca cobrar do outro trabalhador

melhores resultados, retirando da produção empecilhos como não comparecimento, as paradas para ir ao banheiro, entre outros motivos de queda de produção. Assim foi possível que as empresas toyotistas substituíssem os sindicatos de classe ou de categorias para sindicatos de empresa, onde o lema é proteger a empresa como se protege a vida, desqualificando qualquer iniciativa de atuação de enfrentamento com o patronato. Assim a identificação de classe deixa de ser o foco da classe trabalhadora, tornando setorizada, fragmentada com um sindicalismo propositivo (TEIXEIRA (org)1996).

Sem limites para sua expansão o capitalismo pode e vem atuando na maximização e intensificação do trabalho vivo alguns ramos industriais, serviços e trabalho rural ao menos nos países “subdesenvolvidos” têm alguns índices de doenças do trabalho que antes não tínhamos, intensifica neste período históricas doenças relacionadas ao trabalho de varias maneiras tanto físico, como ler ou dormir, como doenças psíquicas, como depressão e stress, devido a grande cobrança pela captura da subjetividade do trabalhador e o terrorismo do desemprego (Alves). As doenças do trabalho não são privilegio da classe trabalhadora nos países pobres, mas nos países ricos e desenvolvidos temos grandes índices de doenças do trabalho como mostra as seguintes constatações, o primeiro exemplo é na Europa e o segundo no Japão.

O stress excessivo no trabalho pode duplicar o risco de morte por doença cardiovascular, segundo um estudo de cientistas finlandeses recentemente publicados no “British Medical Journal”. Os cientistas do Instituto Nacional finlandeses de Saúde no Trabalho de Helsínquia estiveram pesquisando durante mais de 25 anos 812 funcionários em boas condições de saúde (545 homens e 267 mulheres) de uma empresa industrial situada em Valmet, no Centro do país. Desse total, 73 acabaram por falecer devido a problemas cardiovasculares no período em que durou a pesquisa. Entrevistas, questionários e exames médicos regulares permitiram reunir dados relativos ao stress, tensão arterial e níveis de colesterol no sangue.

Os cientistas cruzaram os resultados com dados relativos à mortalidade cardiovascular provenientes do registro nacional de óbitos ocorridos entre 1973 e 2001. As obrigações e as tensões no local de trabalho (alto grau de exigência e baixo domínio do trabalho) e uma recompensa não correspondente ao esforço dependido (salários baixos, falta de reconhecimento social e limitadas perspectivas de carreira na empresa em relação ao esforço realizado) estão relacionados com o risco de morte por causa cardiovascular, que duplicou entre os funcionários que no início da pesquisa gozavam de um estado de saúde satisfatório.

Esta intensificação do trabalho pela linha de produção toyotista trouxe outros problemas a classe trabalhadora assim foi constatado no Japão problemas graves de saúde e também como decorrência do grande esforço no trabalho a morte por e cansaço chamado por eles de Karoshi, de forma súbita em plena fábrica.

Aliado a este conjunto de inovações organizacionais o toyotismo teve o auxílio de uma nova revolução industrial que modificou totalmente os sistema produtivo até então não imaginado esta nova evolução da produção tem como característica a implementação da informática, microeletrônica e robótica que pode impulsionar a produção a patamares nunca antes inalcançáveis. Apesar das controvérsias e debates que era o fim do trabalho, como pregou André Gorz, Claus Offe, ou o fim do capitalismo como Peter Ducker, o que vemos que o trabalho nunca deixou de existir, por conseguinte, a exploração do mesmo pelo capitalismo. O que não podemos negar que estas series de inovações tecnológicas e organizativas trouxe a diminuição de postos de trabalho, assim chamado de desemprego estrutural. André Gorz demonstra o impacto destas tecnologias na Europa. “E o Instituto Battlle de Frankfurt, depois de realizar uma pesquisa sobre os projetos das indústrias mecânicas do Estado de Baden-Württemberg, fornece as seguintes: as máquinas-ferramentas automáticas permitem que se dispense 30%”(GORZ 1987 159). Entretanto faço um parentes, pois é importante ressaltar as análises de Gorz são eurocentricas não correspondendo totalmente aos países subdesenvolvidos, prosseguindo com sua análise Gorz diz; “ou seja, no total 13% dos efetivos de uma empresa padrão. A utilização dos robôs de montagem fará ainda mais: entre 80 e 90% dos operários de produção, ou seja, entre 50 e 60% do total do pessoal atual poderá ficar em casa” (idem).

1.2) CARACTERISTICAS DA PRODUÇÃO DOS FRIGORIFICOS

A pesquisa aplicada nos frigoríficos de Barretos teve como sujeitos oitenta trabalhadores do setor da desossa, setor que em ultima consulta tinha cerca de quinhentos e cinquenta trabalhadores. Os frigoríficos em que estes trabalhadores estão empregados é o JBS Friboi e o Minerva. Nossa intenção a priore era averiguar a relação de produção com a saúde dos trabalhadores. Ao desenvolver tal empreitada constatou-se não somente uma tendência de que os trabalhadores deste setor obter doenças como LER, DORT e stress, devido ao processo de produção e a organização do trabalho. Mas também uma superexploração do trabalho destes homens e mulheres que vendem sua força de trabalho nestes locais.

Em Barretos, a industrialização de carnes inicia-se por volta de 1914, quando se instala a Companhia Anglo Pastoril, que pertencia a um grupo inglês. Esse complexo industrial, como não fugia à regra do modelo fordista/taylorista, constituía-se desde seu início de abatedouro, desossa, estocagem e indústria, ou seja, uma fábrica altamente verticalizada e com setores bem definidos: o empreendimento se constituiu como o maior complexo frigorífico da América Latina. A característica do frigorífico em sua construção foi em um postulado taylorista, que não demorou a se transformar em uma produção fordista-taylorista. É importante observar o que faz as empresas transformarem sua organização do trabalho (abstrato) e seus nexos causais que proporciona cada vez mais a busca de novas organizações de produção.

O século XX tem na sua gênese marcado por uma transformação do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, marcado pela sua fase imperialista. Como se acirrava a guerra comercial que os grandes monopólios e oligopólios para a hegemonia no mercado mundial, estas empresas começaram a disputar meios mais eficientes de produção, como rapidamente as empresas poderiam se apossar das mais desenvolvidas tecnologias, a solução era um rigor maior sobre o trabalho vivo. Este mesmo período de grande agitação do movimento operário e sua organização defendendo a participação na política e a garantia de direitos, um exemplo à diminuição da jornada de trabalho de dez ou doze horas para oito horas, pois até 1917, eram comum jornadas de trabalho de dez ou doze horas. Importante salientar que “o valor de um produto quaisquer que seja ele, é devido sobre tudo ao trabalho social gasto na sua elaboração” (MARX 2008 56).

Dentre este cenário possibilitou o surgimento de técnicas de controle do trabalho que possibilitou o aumento de produção sem o aumento de trabalhadores, o primeiro deles foi à inovação taylorista, cujo suas características principais eram a fragmentação do trabalho, o trabalhador se torna um especialista, a inserção do cronômetro, e as gratificações por índices de produção maiores apenas para os trabalhadores que quebrassem os níveis de produção.

Em 1914 Henry Ford deu outro arranjo na produção no caso de automóveis que trouxe grandes índices de produção até então nunca visto, este modelo ficou conhecido como método fordista de produção. Este método era tão eficaz que possibilitou o Ford modelo T reduziu o número de operários/hora necessários à montagem do modelo Ford bigode, como ficou conhecido no Brasil de 12,5 para 1,5. O preço seguiu o mesmo caminho, começou em 850 dólares e baixou para 310 dólares, sendo 40% mais barato do que seu concorrente mais próximo. Antunes traz algumas características deste modelo de produção:

Iniciamos reiterando que entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidou-se ao longo deste século [XX], cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa através de linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro fordista e produção em serie taylorista; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/ consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões. E nos do que um modelo de organização societal, que abrangeria igualmente esferas ampliadas da sociedade, compreendemos o fordismo como o processo de trabalho que, junto com o taylorismo, predominou na grande industria capitalista ao longo deste século.(ANTUNES, 1997 17).

A estrutura interna das unidades industriais de Barretos, as quais se pretendem analisar, é composta principalmente pro seis setores, no frigorífico JBS Friboi, e por cinco, no frigorífico Minerva; o que diferencia o JBS Friboi é possuir uma área de industrialização, sendo comuns entre eles os outros cinco setores, que são estes: abate, triparia, desossa, embalagem e estoque/embarque. No abate, o gado é morto, entrando a seguir em um espaço onde são retirados o seu couro e o seu sangue; este é coletado e transformado em adubo. As vísceras do gado, sua cabeça e suas patas também são retiradas, restando somente a carne e o esqueleto (normalmente os funcionários deste setor são os que primeiro entram no trabalho, pois darão o ritmo da produção dos outros setores, como a desossa e o estoque).

A triparia é o local onde são separados as vísceras, o intestino e outras partes que são separadas no abate, onde o fígado, coração, bucho etc., são encaminhados para a embalagem.

No setor da desossa, ou descarniação, o gado vem por uma nora¹ e chega aos trabalhadores, que estarão a postos para esse tipo específico de trabalho, a desossa. Os desossadores, também conhecidos como faqueiros, retiram os cortes² um de cada vez, sendo responsáveis pela qualidade da carne, pois quanto mais nobre a carne, maior a especialidade exigida do faqueiro. Neste local, há uma organização do trabalho, nos moldes tayloristas, onde os faqueiros colocam-se lado a lado um dos outros para retirar os cortes, atividade cujo ritmo é dado pela nora, portanto um ritmo de trabalho intenso, repetitivo e estafante para os trabalhadores.

Os locais de trabalho estão ambientados a temperaturas baixas, menos de doze graus Celsius, e apresentam muita umidade, o que torna os trabalhadores bastantes sujeitos às doenças respiratórias e outras, tais como pneumonia e gripe. Por utilizarem facas extremamente afiadas, instrumento de manuseio bastante perigoso, todos os desossadores deveriam estar equipados com e dispor de EPI's (equipamentos proteção individual), como luvas metal inoxidável, o que, porém, não vinha ocorrendo até pouco tempo atrás.

¹ Nos frigoríficos as esteiras têm esta denominação, pois seu funcionamento o gado normalmente está de cabeça para baixo “amarrado” pelos pés, percorrendo a linha de “desmontagem” do gado.

² Aqui me refiro às qualidades da carne que normalmente nós compramos nos estabelecimentos comerciais etc. como picanha paleta etc. também chamadas de pecas.

O terceiro setor compreende as “salas” onde são encaixotadas e embaladas as peças de carnes, bem como os “miúdos” (vísceras entre outros órgãos), destacasse que este local não se encontra trabalhadores não especializados, trabalhando auxiliares de produção com salários bem inferior aos dos desossadores.

As câmaras frias é o local da estocagem e o embarque de carnes. Local é pouco arejado e iluminado, está ambientado a temperaturas muito baixas, que chegam à cerca de 30 graus Celsius abaixo de zero. Constituem-se de galpões subterrâneos, ou não, ocorrendo este tipo de arranjo no JBS Friboi, onde trabalhadores e empilhadeiras dividem o mesmo espaço de trabalho, convivendo lado a lado. O embarque é um setor em que normalmente se encontram os trabalhadores mais fortes fisicamente, pois as caixas de carnes sem osso pesam em média de 15 à 20 quilos; já as carnes com osso, suas peças pesam em média de 80 à 120 quilos.

O sexto setor, existente apenas no Frigorífico JBS Friboi, é o último na linha de produção, onde ocorre a fabricação de enlatados. Na indústria, esse setor tem como característica principal o intenso calor devido ao cozimento de carnes e à retorta, cozimento dos produtos depois do enlatamento. A indústria têm vários outros sub-setores em que são diversos produtos industrializados em que cada produto tem uma “sala” em que um produto específico é confeccionado, e, ainda a rotulagem local destinado a por os rótulos nos produtos e encaixotados. Há ainda o local, anexo à indústria principal, onde são produzidas as embalagens de metal, chamado estamparia. Além destes setores que demonstramos com destaque temos em ambos a manutenção, caldeira, portaria/balança, e gracharia (local onde é feito o adubo com o que sobrou do gado).

1.3) O Controle da Produção nos Frigoríficos as Doenças Ocupacionais

O postulado fordista tem como vimos uma característica de um trabalho parcelar e uma grande disparidade entre a gerência que planeja a produção e a execução que operacionaliza todo o complexo produtivo. Entretanto algumas características se mantêm como o trabalho parcelar onde os desossadores têm que cada um ter um trabalho a desempenhar, cada desossador tem que ser responsável por um determinado tipo de trabalho, onde o mesmo tem um tipo específico de trabalho. O fordismo tem como característica o aprimoramento do cronômetro taylorista e pelo pagamento por produção individual, que buscava o operário padrão, o mais produtivo trabalhador do setor. Entretanto temos alguns sinais de mudança de um postulado fordista-taylorista, mas uma mudança que é muito utilizada no sistema de produção toyotista, que são os bônus por metas de produção alcançadas. Vejamos mais de perto algumas características do toyotismo;

1) é uma produção muito *vinculada à demanda*, visando atender as exigências mais *individualizadas* do mercado consumidor, diferenciando-se da produção em série e de massa do taylorismo/fordismo. Por isso sua produção é variada e bastante heterogênea, ao contrário da homogeneidade fordista;

2) fundamenta-se no trabalho operário em equipe, com multivariabilidade de funções, rompendo com o caráter parcelar típico do fordismo; [...]

4) tem como princípio o *just in time*, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção;

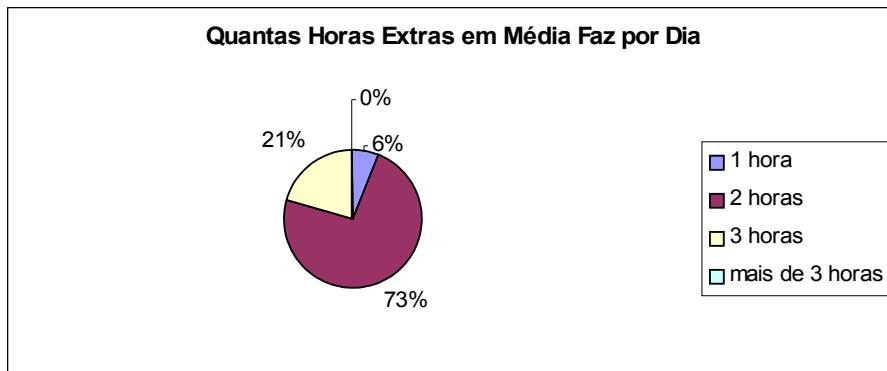
5) funciona segundo o sistema de kanban, placas ou senhas de comando para reposição de peças e de estoque. No toyotismo, os estoques são mínimos quando comparados ao fordismo; (ANTUNES 1999 54 55).

O toyotismo não somente modificou a estrutura física das fabricas com a terceirização, cujo não vamos nos aprofundar neste caso, pois somente pode se terceirizar os frigoríficos em dois pontos, assim como o Minerva fez construindo uma industria fora do seu espaço em parceira com capital estrangeiro, onde foi construído o “Minerva dal Pharmis”, que no entanto o frigorífico propriamente dito o abatedouro não pode haver uma descentralização, por conta de exigência da vigilância sanitária. A outra possibilidade de terceirização é o que a Wolkvagem proporcionou em sua fabrica de caminhões onde se instituiu o consorcio modular, caracterizado por varias empresas atuando em setores específicos e não tendo nenhum operário da Wolkvagem e cada setor há uma empresa responsável pela produção de um determinado tipo de peça e instalação (montagem). Tal terceirização a empresa principal entra somente com o nome assumindo poucos riscos de perdas. (Alves)

Com uma certa dificuldade de terceirizar a produção os frigoríficos optam em buscar mais técnicas de produção mais eficientes onde o trabalho seja mais produtivo, e que em mesmo lapso de tempo o trabalhador possa produzir mais.

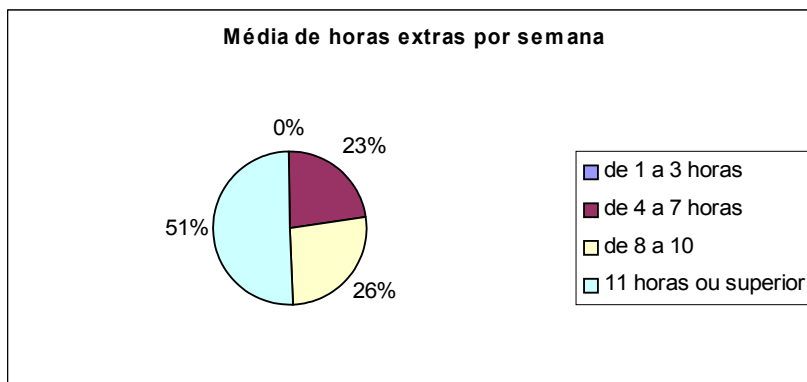
No capitalismo o desenvolvimento de técnicas de controle do trabalho é para obter a mais-valia, parte não pago ao trabalhador e por ele produzido, a mais-valia utilizada nos frigoríficos, sobre tudo na desossa, é a mais-valia absoluta, ou seja, aquela que se extrai do próprio trabalho humano, sem inserção de tecnologia. Este tipo de exploração ocorre pelo aumento da jornada de trabalho, ou intensificação do trabalho no mesmo lapso de tempo. Demonstrando uma continuidade com o fordismo e não o avanço em rumo ao um toyotismo sistêmico. (Alves) Como constata no gráfico 1

GRAFICO 1



A jornada normal de trabalho nos frigoríficos de Barretos, é de nove horas de segunda à quinta, sendo que sexta-feira os trabalhadores trabalham oito horas por dia. Podemos concluir que os trabalhadores dos frigoríficos têm uma jornada de trabalho de onze, doze horas por dia, desconsiderando uma hora de almoço que todos fazem dentro da indústria. A predominância como constata do exagero da exploração do trabalho vivo. Como é imanente modo de produção capitalista, mas ainda sobre tudo com fortes traços de uma produção, em escala aviltante os trabalhadores fazem, em média, cerca de quarenta e quatro horas extras, com tendência de ser mais como mostra o gráfico 2;

GRAFICO 2



Não contentes com o aumento da jornada de trabalho, os frigoríficos tem buscado modelos “japoneses” de produção, como vimos são mais eficientes e mais complexos. Há este tipo de produção. Mescla-se uma organização do trabalho taylorista com novas técnicas de gestão toyotista. As técnicas de organização da força de trabalho mais utilizadas são aquelas que envolvem a força de trabalho, proporcionado pelo CCQ (Círculos de Controle de Qualidade), em que os próprios trabalhadores assumem a gerência científica eliminada desperdícios de tempo no trabalho, o fim da porosidade ou tempo morto na produção. Outra técnica amplamente é utilizada é a jornada de trabalho flexível. Os frigoríficos de Barretos

utilizam-se na área industrial de uma nova divisão do trabalho, mesclando formas de trabalho parcelar taylorista com um controle do trabalho toyotista.

O controle do trabalho toyotista nos frigoríficos é operacionalizado pelos círculos de controle de qualidade total, chamado no JBS Friboi de TQF (Total Qualidade Friboi). No frigorífico Minerva, o sistema de “qualidade total” é o TQM (Qualidade Total Minerva). Por meio de medidas de envolvimento da força de trabalho, com os círculos de controle de qualidade, em toda a área da desossa um novo modelo de gestão da força de trabalho está baseado no que se convencionou chamar *cinco S's* (5S)³. O resultado de uma produção tão intensa nos países onde já se consolidou este tipo de produção o resultado do toyotismo na produção segundo, Kamata foram:

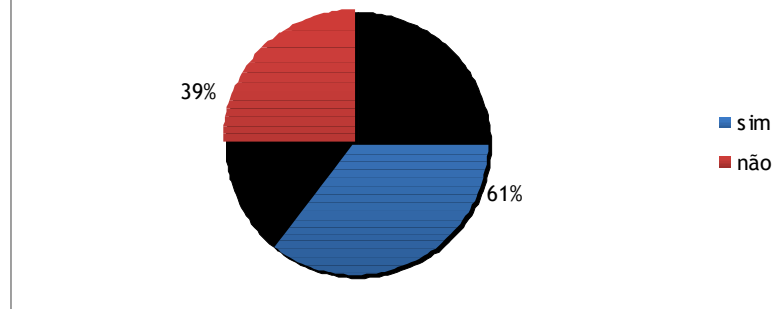
[...] não é tanto para economizar trabalho, mas diferentemente, para eliminar trabalhadores. Por exemplo, se 33% dos movimentos desperdiçados são eliminados em três trabalhadores, um deles torna-se desnecessário. A história da racionalista da Toyota é a história da redução de trabalhadores, e esse é o segredo de como a Toyota mostra que em aumentar trabalhadores alcança surpreendentemente aumento na sua produção. Todo o tempo livre durante as horas de trabalho tem sido retirado dos trabalhadores da linha de montagem, sendo considerado como desperdício. Todos os seus tempo, até o último segundo, é dedicado à produção (KAMATA apud ANTUNES 2006 56).

Esta intensificação do trabalho pela linha de produção toyotista trouxe outros problemas a classe trabalhadora assim foi constatado no Japão problemas graves de saúde e também como decorrência do grande esforço no trabalho a morte por e cansaço chamado por eles de Karoshi, de forma súbita em plena fábrica. O que ocorre nos frigoríficos atualmente, segundo Giovanni Alves é uma que podemos indicar como uma passagem de um fordismo, para um toyotismo restrito. Em minha opinião restrito por causas contingentes do próprio sistema de produção da desossa, mas algumas indicações fortes desta mudança onde podemos observar que os trabalhadores do frigorífico JBS Friboi tem uma gratificação por metas de produção atingida não chegando ao Minerva, ainda, entretanto ambos os Frigoríficos tem metas de produção e como vimos acima com cada vez menos trabalhadores. Sobre esta metas os próprios trabalhadores demonstra sua opinião sobre as metas de produção, como é demonstrado no gráfico 3.

GRAFICO 3:

³É um método de gestão da força de trabalho que foi “importado” do Japão, com traços de uma gestão toyotista, em que se busca neste método a implantação dos círculos de controle total.

ACHA QUE AS METAS DE PRODUÇÃO SÃO EXCESSIVAS



Como resultado destas novas técnicas de organização do trabalho, os frigoríficos obtiveram ganhos de produção e o segundo lugar no ranking das exportações brasileiras em 2006, com a venda de carne bovina, de frangos e de suínos, alcançando a cifra dos US\$ 8,6 bilhões - um aumento de 5,5% em relação a 2005⁴. A nova organização do mercado mundial não afetou somente os consumidores e as empresas, também os trabalhadores, veja-se pelo depoimento do presidente da Confederação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação, Agroindústrias, Cooperativas de Cereais e Assalariados Rurais (Contac), Siderlei de Oliveira, como vem sendo penoso o trabalho nos frigoríficos na região de abrangência da Contac⁵:

No ano passado, o setor das indústrias de alimentação alcançou primeiro lugar nas estatísticas de acidentes de trabalho, com 48.424 casos registrados, de acordo com o Ministério da Previdência Social. O número de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho cresce nesse setor, porque as empresas elevaram suas metas de produção sem ampliar o número de trabalhadores. Os trabalhadores estão num ritmo insuportável. A máquina dita o ritmo de trabalho no setor agrícola. O trabalhador faz esforço físico repetitivo, durante 8 horas e em ambiente de baixa temperatura. A combinação disso é uma série de lesões graves, nos tendões, nos ombros, nos membros superiores.

Com as transformações do novo arranjo da reestruturação produtiva, em que os ramos industriais que mantiveram o trabalho vivo como maior fonte de produção, percebe-se uma tendência que trabalhadores fiquem acometidos por doenças laborais como é demonstrado no trabalho das pesquisadoras Geórgia Sobreira dos Santos Cêa e Neide Teimi Murofuse, que traz uma pesquisa desenvolvida por elas na Unioeste chegando a uma interessante conclusão:

⁴7 Acessado www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias no dia 20 de agosto de 2008 às 15.22 horas.

⁵ Acessado www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias no dia 23 de agosto de 2008 às 17.50 horas

Em documento oficial do Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2000) indica-se que a cronicidade e a irreversibilidade de grande parte dos casos de LER em varias partes do mundo, aliadas aos imensos contingentes de trabalhadores de diversos setores acometidos por varias doenças, imprimem um caráter epidêmico as varias partes do mundo, aliadas aos imensos contingentes de trabalhadores de diversos setores acometidos por varias doenças, imprimem um caráter epidêmico às LER. No Brasil as LER “respondem por 70% das doenças relacionadas ao trabalho, sendo quatro os setores críticos na ocorrência de doenças osteomusculares: Frigoríficos, supermercados, indústrias de calçados e telemarketing.(CEA, MUROFUSE, et al in TUMOLO, BATISTA 424 2008).

Ao se analisar a exposição sobre o mundo do trabalho e suas metamorfoses, percebe-se que o trabalhador está cada vez mais submetido à lógica do capital e que vem sendo prejudicado pela nova divisão do trabalho, pelo mercado mais competitivo, pelo desemprego estrutural e por metas de produção cada vez maiores, cujo resultado, como abordado, são a precarização trabalho e as doenças a isso relacionadas, como o estresse, a Ler e o Dort, conquanto no Brasil algumas legislações protejam a saúde do trabalhador, bem como a autonomia das comissões de fábrica para atuar em prol da saúde deste. As CIPA's (comissão interna de prevenção em acidentes) apresentam um papel importantíssimo nas comissões de fábrica, pois tem por obrigação de expor os perigos do trabalho em excesso, esclarecer os riscos de cada atividade e os direitos daqueles que trabalham em locais onde os riscos à saúde são altos, direitos como o ganho por insalubridade. O modo de produção capitalista provocou uma metamorfose da sociedade do trabalho. A partir destas transformações a classe trabalhadora vem perdendo importância no cenário político institucional, e seus instrumentos de representação – tais como sindicatos, comissões de fábrica, partidos políticos, entre outros – não respondem à atual conjuntura internacional.

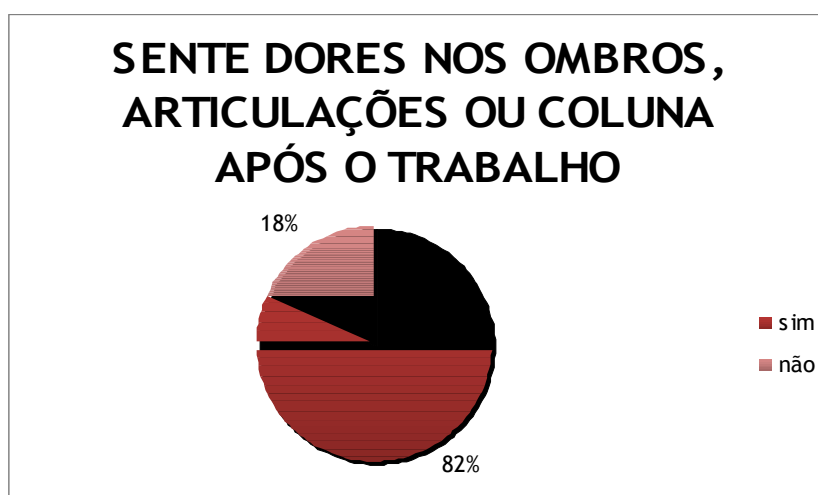
Também a nova divisão do trabalho vem provocando inúmeros reflexos sobre a classe trabalhadora no referente a suas condições de saúde, trabalho, qualidade de vida e organicidade política. Levanta-se, assim, a hipótese de que é essa nova organização do trabalho a responsável por provocar um aumento dos casos de doenças ocupacionais, stress e depressão, além de queda na renda líquida e da qualidade de vida dos faqueiros. Como mostra a reportagem do repórter Brasil que nos mostra o seguinte quadro:

O tratamento dado aos animais e trabalhadores é desumano. As idas ao sanitário são controladas, não existe água fresca ou potável próxima aos setores da linha de produção, os afastamentos decorrentes de lesões por esforço repetitivo, doenças osteomusculares (DORT) e psíquicas (stress e depressão) são freqüentes. As patologias vão de pneumonia pela exposição ao frio a lombalgias pela posição no trabalho, os casos mais comuns. Mas ocorrem também otites pelo alto nível de ruído, e dores generalizadas pelo corpo, principalmente braços e costas. Os casos de depressão acontecem porque os trabalhadores ficam neste ambiente insalubre por cerca de dez horas, sem ver a luz do sol e sob forte pressão da produção.⁶

⁶ Acessado www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias no dia 23 de agosto de 2008 às 17.50 horas

O que ocorre nos frigoríficos em geral, em Barretos a situação é um pouco mais dramática, pois em estudos realizados pela própria vara do trabalho, os trabalhadores barretenses ganham em média cem reais, abaixo do piso salarial acordado, no Estado de São Paulo. E os grande níveis de horas extras que os trabalhadores submetem, é para que não fiquem a míngua, não tenha uma reprodução quase animal. O resultado é que grande parte dos trabalhadores estão com algumas queixas de dores, stress e baixa estima.

Gráfico 4:



O resultado aparece que com tamanho desconforto no ato de produzir os trabalhadores tem uma tendência maior de se acidentar, lembrando que o afastamento por LER, DORT é considerado como acidente de trabalho, embora ainda não é considerado como acidente de trabalho a questão de stress, ou depressão pelo INSS. Ainda no gráfico cinco, a seguir, vemos que nem todos os trabalhadores que se sentem dores decorrido ao trabalho não se ausentam da jornada de trabalho diária com medo de repressão, ou demissão dos mesmos. Lembramos que os trabalhadores que sofreram acidente por cortes com as facas estão inseridos nestes dados, pois é comum que trabalhadores na desossa se cortem durante a produção.

Gráfico 5:



1.4) A Política Pública de Saúde do Trabalhador.

O SUS, Sistema Único de Saúde, ao consolidar em 1988 sob a nova constituição, buscou inspirar-se em um movimento que iniciou no começo da mesma década, inspirado num movimento idêntico na Itália, referente à saúde do trabalhador. Os sindicatos italianos buscavam um controle melhor de um ajuste de condições de trabalho, onde ficou famoso o grito de ordem, “queremos ganhar a vida trabalhando, não perde-la no trabalho.

O Brasil seguiu esta tendência e criou a RENAST (Rede Nacional Saúde do Trabalhador), e sua operacionalização é feita pelos CEREST (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador), este órgão especializado em saúde do trabalhador busca prevenir que locais em situação de risco ao trabalhador venham trazer acometimentos aos trabalhadores. Em São Paulo temos 32 CEREST com provável abertura para mais quatro. O CEREST estabelecido em um município que é cede, mas que é referencia. Entretanto podem ter mais de um CEREST em uma mesma região como Ribeirão Preto e Batatais. Esta política de saúde tem uma equipe de 10 profissionais, que esta contemplada na portaria 2.437-2005, já estabelecendo o quadro de trabalhadores da saúde envolvidos, não podendo, ter mais que dez funcionários.

O que pode ocorrer que o trabalho em uma região muito extensa como a macro região de Bebedouro e Barretos é muito difícil uma equipe mesmo ampliada de dez funcionários ser suficiente para tender tantos casos de doenças do trabalho em vasta região. A alternativa é de que em Barretos se instaure um CEREST, e busque atenuar tal situação de doenças do trabalho nos frigoríficos.

1.5) Os Limites das Políticas Públicas como Mediador entre Capital e Trabalho.

A luta entre capital e trabalho tem se manifestado de inúmeras maneiras, percebido por alguns “cientistas sociais” somente nos fenômenos, como desemprego, doenças do trabalho, precarização de condições de trabalho entre tantos outros fenômenos. A sociedade burguesa, desde a queda da Bastilha podemos assim chamá-la, atualmente alguns “cientistas sociais” dão nova nomenclatura a esta sociedade buscando entulhar a realidade de fatos já eram percebidos. Contra esta visão pós-modernista, conciliatória do inconciliável, a relação entre capital e trabalho. Buscaremos discutir a relação das políticas de saúde e a resolução desta problemática, meios de produção e saúde do trabalhador.

O trabalho como protoforma do ser social, o ser que através do trabalho se afirma como ser humano. Entretanto temos um movimento contraditório- que ultrapassa o limite desse artigo- de um lado a classe trabalhadora buscando melhorias em sua condição de trabalho e do outro os capitalistas que buscam cada vez mais explorar de alguma maneira a classe trabalhadora, como vimos pela mais-valia-absoluta, ou mais-valia-relativa, sendo a última que tanto é exaltada pela terceira revolução tecnológica. Mas por que o Estado e as políticas públicas não atingem tal patamar de resolução destes problemas. Os entraves da realidade se apresentam tanto para o Estado quanto para o homem, pois o Estado pode se livrar de alguns destes entraves (como a religião, visto que existem Estados laicos), enquanto para o homem real estes entraves continuam a perturbá-lo um exemplo claro é a religião que não só a milênios existem como nunca antes visto a quantidade de igrejas existente atualmente. Fica claro um dos limites da emancipação política. A separação que ocorre dentro da sociedade civil que transparece uma outra cisão frente ao Estado, é quando o Estado político com pleno desenvolvimento não pode resolver os problemas frente a sociedade civil por elevar as questões há outros patamares, como leis, direitos, cidadania etc., como veremos na citação abaixo, Marx demonstra:

O Estado político acabado é, pela própria essência, a vida genérica do homem em oposição a sua vida material. Todas as premissas desta vida egoísta permanecem de pé à margem da esfera estatal, na sociedade civil, porém, como qualidade desta. Onde o Estado político já atingiu seu verdadeiro desenvolvimento, o homem leva, não só no plano do pensamento, da consciência, mas também no plano da realidade, da vida, uma dupla vida: uma celestial e outra terrena, a vida na comunidade política, na qual ele se considera um ser coletivo, e a vida na sociedade civil, em que atua como particular; considera outros homens como meios, degrada-se a si próprio como meio e converte-se em joguete de poderes estranhos. (MARX “PARA A QUESTÃO JUDAICA” 1843).

A emancipação política não garante que resolva o problema nem dos trabalhadores dos frigoríficos, tão pouco dos trabalhadores em geral como os trabalhadores em geral. O Estado é a representação da cisão dentro da própria sociedade civil, estas cisões de modo bem

resumido podem chamar de propriedade privada. O poder estatal busca em suas esferas conter o choque dos que tem propriedades daqueles que não são possuidores de propriedade alguma ao não ser sua força de trabalho. A resolução desse fenômeno do embate entre capital e trabalho; a saúde do trabalhador. Trago uma reflexão o que seria a emancipação humana no conceito marxiano.

A emancipação política é a redução do homem, de um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente e, de outro, a cidadão do Estado, a pessoa moral. Somente quando o homem individual real recupera em si o cidadão abstrato e se converte, como homem individual, em ser genérico, em seu trabalho individual e em suas relações individuais; somente quando o homem tenha reconhecido e organizado suas "forces propres" como forças sociais e quando, portanto, já não separa de si a força social sob a forma de força política, somente então se processa a emancipação humana (MARX 1843).

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA:

ARAÚJO Célia Regina Aiello. **Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos: 1927 / 1935** Unicamp (2005).

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?:** Ensaio sobre as metamorfoses do Mundo do Trabalho e a Centralidade do Mundo do Trabalho. Cortez/Unicamp, Campinas (1997).

_____. **Sentidos do Trabalho:** Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho, Boitempo, São Paulo (2006).

ALVES, Giovanni. **O Novo (E Precário) Mundo do Trabalho** Boitempo São Paulo (2005).

_____. **Dimensões da Reestruturação Produtiva:** ensaio de sociologia do trabalho. 2ª edição editora Práxis Londrina PR (2007).

CAMPOS, Armando. **CIPA;** Comissão Interna de Prevenção de Acidentes uma Nova Abordagem, Sebrae, São Paulo (2000).

CANOAS José W. (org.). **Na pegada do sapateiro:** 65 anos do STIC, Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçado, Editora Unesp Franca SP (2007).

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado:** Forma de Regressividade no Capitalismo Hipertardio, Editora das Ciências Humanas, São Paulo (1985).

GORZ, André. **Adeus ao proletariado:** para além do socialismo. Editora Forense-Universitária Ltda. Rio de Janeiro RJ (1987).

GIL. Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social,** São Paulo, Atlas, São Paulo (2002).

LENIN. W I. **O Imperialismo:** Fase Superior do Capitalismo. Centauro Editora São Paulo SP (2005).

MARX, Karl. **O Capital**- Crítica da Economia Política, livro I vol. 1/1 Bertrand Brasil, Rio de Janeiro (1998).

_____ **O Capital** vol. 3/6 Civilização Brasileira, Rio de Janeiro (1998).

_____ **Manuscrtos Econômicos Filosóficos** Boitempo, São Paulo (2006).

_____ Sobre a Questão Judaica disponível em www.marxists.org/portugues

MESZÁROS, István. **Para além do Capital**; uma teoria de transição, Boitempo São Paulo (2002).

_____ **A Teoria da Alienação em Marx**, Boitempo São Paulo (2006).

PRADO, Caio Jr. **A História Econômica do Brasil**. Vozes, São Paulo (1994).

TUMOLO Paulo S, Batista Roberto L. **Trabalho, Economia e Educação**: Perspectivas do Capitalismo Global, Editora Massoni, Maringá Paraná.

Confederação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação, Agroindústrias, Cooperativas de Cereais e Assalariados Rurais (Contac), Disponível em <http://www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias> no dia 22 de agosto de 2008 às 17.50 horas.

Ranking das exportações brasileiras em 2006, com a venda de carne bovina, Disponível em <http://www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias> no dia 23 de agosto de 2008 às 11.50 horas. Saúde do Trabalhador.

Disponível em <http://www.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/06> no dia 22 de agosto de 2008 às 15.30 horas.